

JOSÉ Q. PINHEIRO
HARTMUT GÜNTHER

Grupo de Estudos
Inter-Ações Pessoa-Ambiente
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Métodos de Pesquisa nos Estudos Pessoa-Ambiente



Casa do Psicólogo®

ALL
BOOKS®

© 2008 Casa Psi Livraria, Editora e Gráfica Ltda e All Books Casa do Psicólogo®
É proibida a reprodução total ou parcial desta publicação, para qualquer finalidade,
sem autorização por escrito dos editores.

1ª Edição
2008

Editores

Ingo Bernd Güntert e Christiane Gradvohl Colas

Assistente Editorial
Aparecida Ferraz da Silva

Editoração Eletrônica
Sergio Gzeschnik

Produção Gráfica & Capa
Ana Karina Rodrigues Caetano

Revisão
José Luiz de Campos Salles

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Métodos de pesquisa nos estudos pessoa-ambiente/ José de Queiroz
Pinheiro & Hartmut Günther, organizadores. – São Paulo: Casa do
Psicólogo, 2008.

Bibliografia.
ISBN 978-85-7396-574-2

1. Psicologia ambiental 2. Psicologia ambiental - Pesquisa I.
Pinheiro, José de Queiroz. II. Günther, Hartmut.

07-6264

CDD- 155.9

Índices para catálogo sistemático:

1. Psicologia ambiental 155.9

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

Reservados todos os direitos de publicação em língua portuguesa à



Casa Psi Livraria, Editora e Gráfica Ltda.
Rua Santo Antonio, 1010 Jardim México 13253-400 Itatiba/SP Brasil
Tel.: (11) 4524-6997 Site: www.casadopsicologo.com.br



All Books Casa do Psicólogo®
Rua Simão Álvares, 1020 Vila Madalena 05417-020 São Paulo/SP Brasil
Tel.: (11) 3034-3600 E-mail: casadopsicologo@casadopsicologo.com.br

Sumário

Apresentação	7
A Metodologia do Experimento Ecológico	11
<i>Mara Campos-de-Carvalho</i>	
O Uso da Entrevista na Interação Pessoa-Ambiente	53
<i>Isolda de Araújo Günther</i>	
Observando a Interação Pessoa-Ambiente: Vestígios Ambientais e Mapeamento Comportamental	75
<i>José Q. Pinheiro, Gleice A. Elali & Odara S. Fernandes</i>	
Como Elaborar um Questionário	105
<i>Hartmut Günther</i>	
Métodos de Avaliação da Percepção Ambiental	149
<i>Sylvia Cavalcante & Regina Heloisa Maciel</i>	
Percepção e Representação Ambiental - Métodos e Técnicas de Investigação para a Educação Ambiental	181
<i>Maria Inês Gasparetto Higuchi & Ariane Kuhn</i>	
Autobiografia Ambiental: Buscando Afetos e Cognições da Experiência com Ambientes	217
<i>Gleice Azambuja Elali & José Q. Pinheiro</i>	

Afetividade e Ambiente Urbano: Uma Proposta Metodológica pelos Mapas Afetivos	253
---	-----

Zulmira Áurea Cruz Bomfim

Diário Pessoal como Técnica de Coleta de Dados em Estudos Sobre as Relações Pessoa-Ambiente	281
---	-----

José Q. Pinheiro, Gleice A. Elali, Andréia V. M. Azevedo, Bárbara C. G. Farias, Mariana C. Costa & Soraya S. Andrade

Projetando Ambientes mais Sustentáveis com a Colaboração da Psicologia Ambiental	313
--	-----

Beatriz Fedrizzi & Sérgio Luiz Valente Tomasi

Interação Humana com Ambientes Naturais: Uma Revisão no Periódico <i>Environment and Behavior</i>	343
---	-----

Susana Martins Alves & Gowri Betrabet-Gulwadi

A Abordagem Multimétodos em Estudos Pessoa-Ambiente: Características, Definições e Implicações	369
--	-----

Hartmut Günther, Gleice A. Elali & José Q. Pinheiro

Grupo de Estudos
Inter-Ações Pessoa-Ambiente
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Apresentação

A presente coletânea se destina a profissionais que estudam as interações pessoa-ambiente nas suas mais variadas formas e queiram se aprofundar no domínio dos meios empregados para suas pesquisas. Usamos no título do livro o termo *estudos pessoa-ambiente* para caracterizar o campo de estudo dessa interface, mas temos plena consciência de outras denominações, tais como *estudos ambiente-comportamento*, *psicologia ambiental*, *comportamento pró-ambiental*, *psicologia arquitetônica* ou *projeto do lugar*. Mais importante, a relação entre pessoa(s) e ambiente(s) é objeto de estudo de profissionais da antropologia, arquitetura, psicologia, biologia, desenho industrial, educação ambiental, ergonomia, geografia, planejamento urbano, psicologia e sociologia, entre outros.

Sem dúvida, o campo dos estudos sobre a interação pessoa-ambiente avançou nos últimos 40 anos na Europa, nos EUA, e, especialmente, na América latina. Entretanto, existem poucos livros sobre como se faz pesquisa dessa interação; a única publicação da qual temos conhecimento surgiu em 1987, nos EUA, por Bechtel, Marans e Michelson. Pesquisadores da área costumam recorrer a livros de métodos das suas respectivas áreas de atuação, fato este que contribui para falta de coerência e dificuldade de interlocução entre as disciplinas envolvidas.

O objeto deste livro é facilitar o diálogo que transcende as linguagens metodológicas específicas, abrindo caminho para a abordagem multimétodos. Ressalta-se que, ao mesmo tempo em que os

capítulos apresentam maneiras diferentes de pesquisar a interação pessoa-ambiente, os seus autores têm trajetórias de formação diferentes e são provenientes de lugares de atuação geograficamente variados.

Os capítulos podem ser divididos em duas categorias. Os primeiros quatro tratam de técnicas “tradicionais” de pesquisa em sua aplicação à área de interação pessoa-ambiente: o experimento (capítulo 2), a entrevista (capítulo 3), a observação (capítulo 4) e o questionário (capítulo 5).

Os capítulos seguintes tratam de técnicas mais específicas para estudos de interação pessoa-ambiente:

A percepção ambiental é abordada nos capítulos 6 e 7: o primeiro propõe a aplicação de método de simulação para investigar a percepção de ambientes; o segundo mostra o potencial da percepção e da representação ambiental como recursos de investigação voltados para a educação ambiental.

A afetividade é tema enfatizado nos capítulos 8 e 9, respectivamente, sobre a autobiografia ambiental e os mapas afetivos. A autobiografia ambiental é apresentada como uma estratégia que explica a participação dos ambientes na história de cognições e afetos ambientais da própria pessoa, enquanto que os mapas afetivos enfatizam esses elementos na relação das pessoas com os ambientes da cidade.

O diário pessoal é objeto do capítulo 10, que ilustra o papel complementar dessa técnica, ou sua indicação especial para situações em que é difícil ou impossível a utilização de outros meios de coleta de dados.

O capítulo 11 apresenta a contribuição da psicologia ambiental para o projeto de ambientes mais sustentáveis.

Uma ilustração de revisão crítica da literatura é o tema do capítulo 12, que analisa artigos publicados no periódico *Environment and Behavior*, sobre o tema da interação das pessoas com os ambientes naturais.

O livro conclui com um apelo à necessidade de uso de abordagem multimétodos e da importância de utilizar, sempre que possível, mais de uma técnica num dado projeto de pesquisa.

Por fim, destacamos que a presente coletânea não tem a pretensão de ser exaustiva, pois as necessidades associadas à pesquisa das interações pessoa-ambiente indicam que muito ainda precisa ser construído. Ao mesmo tempo, esperamos que esse conjunto de trabalhos constitua um passo importante nessa direção.

Os organizadores

Referências

- Bechtel, R. B., Marans, R. W., & Michelson, W. (Org.). (1987). *Methods in environmental and behavioral research*. Nova York: van Nostrand Reinhold.

Vygotsky Y, L.S. (1991). *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes.

Diário Pessoal como Técnica de Coleta de Dados em Estudos sobre as Relações Pessoa-Ambiente

José Q. Pinheiro, Gleice A. Elali, Andréia V. M. Azevedo,
Bárbara C. G. Farias, Mariana C. Costa & Soraya S. Andrade

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

O diário pessoal é uma ferramenta valiosa para pesquisadores da área das relações pessoa-ambiente, proporcionando importantes pistas sobre as interações humano-ambientais e apontando aspectos que, na continuidade da pesquisa, podem vir a ser investigados por meio de instrumentos mais estruturados. Esse recurso de coleta de dados é comparável a estratégias exploratórias normalmente empregadas, como visitas informais ao local estudado, observação assistemática de sua utilização, ou levantamento de vestígios de comportamento, sendo utilizado no início do trabalho de investigação; ou pode ser empregado como recurso complementar em estudos descritivos.

Em pesquisas na área das relações pessoa-ambiente podem ocorrer dificuldades de acesso ao local estudado e/ou a seus usuários, por razões as mais variadas. Nesses casos, uma das estratégias para coleta de dados pode ser o emprego de diários pessoais registrados pelas próprias pessoas envolvidas na situação. Tal técnica compreende

um instrumental relativamente simples e barato, que valoriza os *insights* individuais, oferecendo grande riqueza informacional sobre o uso do ambiente pelos participantes do estudo.

Envolvido com a exploração dos aspectos sócioambientais da ocupação humana de ambientes atípicos, nosso grupo de pesquisa investigou as condições de vida de visitantes da Reserva Biológica do Atol das Rocas (Rebio Rocas, ou só “Rocas”) e da Estação Científica do Arquipélago de São Pedro e São Paulo (Arquipélago, ou ASPSP), dois refúgios insulares localizados em áreas oceânicas de conservação ambiental relativamente distantes da costa atlântica brasileira. Na coleta de informações sobre as condições de vida humana naqueles locais, o diário de viagem elaborado pelos viajantes que passaram temporadas naqueles locais foi um dos principais instrumentos empregados.

Nas páginas a seguir, apresentamos: uma breve revisão sobre o uso de diários pessoais como estratégia de coleta de dados em pesquisa psicológica, mais particularmente aplicada à área das relações pessoa-ambiente; considerações sobre o emprego dos diários em nossa própria pesquisa; e, a partir da literatura sobre o assunto e dos resultados que obtivemos, discussão das possíveis contribuições dessa técnica para pesquisas na área.

Diários pessoais como técnica de coleta de dados

O diário pessoal, como técnica de coleta de dados descrita em manuais de pesquisa psicológica ou social, costuma ser apresentado – de maneira muito superficial – na seção sobre análise de dados pré-existentes, documentos ou arquivos (e.g., Selltitz, Jahoda, Deutsch & Cook, 1965). Em geral, esses documentos são classificados segundo a natureza da informação neles contidas: dados essencialmente numéricos ou estatísticos, ou em forma textual, que pode incluir números e ilustrações. Estes podem ser provenientes de instituições e de organismos públicos e privados, como no caso de decretos, regimentos, atas,

publicações várias, etc., ou de particulares, como cartas e narrativas (Quivy & Campenhout, 1998). A depender dos referenciais teóricos e epistemológicos do pesquisador e dos interesses da investigação, poderão ser analisados apenas os documentos considerados “oficiais”, ou se levará também em conta aspectos da realidade “tal como percebida pela pessoa”. Como qualquer técnica de coleta de dados, a alternativa do diário pessoal apresenta vantagens e limitações, como se verá mais adiante.

Em recente revisão sobre *métodos de diário*, Bolger, Davis e Rafaeli (2003) indicam haver ampla variedade na temática das pesquisas que os empregam, como estudos sobre processos de personalidade, interação conjugal e familiar, sintomas físicos, psicopatologia e saúde mental. Embora assumindo variações na forma de aplicação de acordo com as características e objetivos dos estudos, de modo geral os estudos baseados na técnica do diário servem a dois propósitos básicos: “a investigação de fenômenos à medida que eles se desenvolvem no tempo, ou o exame focalizado de fenômenos específicos e freqüentemente raros” (p. 588). No primeiro caso, os participantes produzem seus relatos a intervalos pré-determinados ou a uma sinalização qualquer de aviso, que pode ocorrer de forma fixa, randômica ou combinada. É no segundo tipo, no entanto, que os diários adquirem um caráter mais distintivo como técnica de coleta de dados, pois o participante estrutura seu relato segundo sua própria percepção, e em função da ocorrência do fenômeno de interesse da pesquisa.

Embora um diário possa ter sido originalmente redigido para outros fins, seu conteúdo pode ser analisado em função de novos propósitos. Esse, por exemplo, é o caso dos diários de viagem de pioneiros da exploração polar, documentos que foram recentemente resgatados e estudados para fins de pesquisa científica sobre adaptação humana àquelas regiões do planeta (Mocellin & Suedfeld, 1991). Acreditamos ser desnecessário apresentar exemplos da importância que relatos pessoais de viajantes e exploradores, reis e vassalos, vencedores e vencidos acabaram tendo na (re)construção de períodos e

lugares da história da humanidade, como testemunhas atentas, ainda que silenciosas. No presente capítulo, entretanto, enfatizaremos o diário pessoal escrito pela pessoa em resposta a uma solicitação do pesquisador, muitas vezes limitado a um período específico de tempo e/ou referente a situação específica de interesse para a pesquisa, mas sempre criados pelo participante, de maneira que narrativa e reflexões tenham sido determinadas exclusivamente por ele, a partir de suas experiências pessoais.

Na pesquisa psicológica, os diários pessoais podem assumir um caráter mais aberto, ou livre, de maneira análoga ao que se passa com as entrevistas narrativas (Jovchelovitch & Bauer, 2002), quando o interesse da investigação é por acontecimentos específicos, diferentes “versões” de um fato, ou pela relação entre o relato individual e o contexto físico, social e histórico em que está inserida a pessoa, não importando que as informações assim obtidas não possam ser comprovadas, ou sua fidedignidade testada. No extremo oposto desse contínuo de níveis de restrição instrumental, podemos citar o exemplo de diários empregados em pesquisas clínicas interessadas em verificar a utilização de medicamentos pelo paciente, ou a ocorrência de episódios de dor crônica. Além do requinte da forma eletrônico-digital de registro do dado – como um formulário preenchido em momentos pré-estabelecidos, às vezes até sem a participação ativa do respondente – há ainda mecanismos de controle sobre a pessoa, como um alarme sonoro que soa a cada momento em que o registro das informações se faz necessário, e parâmetros bem estritos relativos ao grau de confiabilidade considerada satisfatória (Stone, Shiffman, Schwartz, Broderick, & Hufford, 2003).

Ao analisar os ganhos diferenciais de diários e entrevistas em relação à extensão de tempo estudada da vida dos participantes, Michelson (1987) aponta que:

O método a ser escolhido depende muito do período de tempo que se deseja cobrir, bem como o tipo de informação que se deseja obter. (...) quando se está interessado apenas nas atividades do

dia imediatamente anterior, não importa se a abordagem é por entrevista ou diários. Entretanto, quando se quer reunir informações sobre mais do que um único dia, o diário é muito superior. (p. 221)

Embora seja uma ferramenta tipicamente empregada em caráter **preliminar**, o diário pessoal pode exercer papel **complementar** a outras técnicas utilizadas na coleta de dados. No primeiro caso, o diário precede o emprego de estratégias mais estruturadas e tem finalidade heurística ou exploratória, contribuindo para a geração de hipóteses de pesquisa, a serem verificadas por meio de técnicas nas quais o pesquisador tem maior controle sobre os resultados a serem alcançados. Entretanto, os diários também podem adicionar informação sobre aspectos difíceis ou impossíveis de serem analisados por outros meios de coleta de dados, acrescentando informações importantes para os objetivos de uma investigação descritiva.

Convém deixar claro que no presente trabalho não estamos tratando de *diário de campo*, ferramenta bastante comum nas mãos de antropólogos e biólogos e ocasionalmente empregada em psicologia (e.g., Wagner et al., 1998). O diário de campo é registrado pelo próprio pesquisador, que utiliza suas anotações para as finalidades do estudo, podendo combiná-las, ou não, com outras técnicas de coleta de dados. A diferenciação em relação ao *diário pessoal*, objeto desta apresentação, fica bem clara no caso de um estudo que utilizou ambos, de modo complementar. Fredrickson e Anderson (1999) acompanharam duas equipes de mulheres que excursionaram durante vários dias por áreas naturais, acampando, fazendo sua própria comida e em contato direto com as intempéries. As autoras estavam interessadas em verificar a presença de aspectos espirituais na experiência vivida por aquelas pessoas e empregaram três instrumentos para a coleta de dados: observações no local (*on-site observations*), diários pessoais e entrevistas em profundidade. A finalidade do registro de observações no local por uma das pesquisadoras (diário de campo) foi servir de elemento de comparação, ou guia, para a análise dos diários pessoais das participantes, ambos fornecendo as bases para

um detalhado roteiro de entrevista realizada por telefone, decorridas algumas semanas do final da excursão.

Nos estudos sobre as relações pessoa-ambiente, documentos oficiais também são analisados, afinal os fenômenos investigados acontecem no âmbito das sociedades humanas, fato que implica em seu registro documental mais, ou menos, formal. Mas é principalmente aos registros pessoais – em forma de correspondência, autobiografia e diário – que estudos dessa área têm se dedicado. Se antes fizemos uma analogia com entrevistas, aqui talvez caiba comparar o diário pessoal com a observação. O que esta pode informar sobre o comportamento explícito, aquele pode indicar sobre as experiências íntimas, revelando aspectos da vida cotidiana vividos sem a interferência (direta ou massiva) do pesquisador.

Na literatura da área das interações humano-ambientais é comum encontrarmos indicações de estratégias de aproximação investigativa inicial ao objeto de estudo, geralmente envolvendo algum caso específico de relacionamento entre pessoas e ambientes. Entre outras possibilidades, são sugeridas a familiarização com o local estudado por meio de visitas informais, combinadas, ou não, com observação assistemática das atividades dos usuários no local; ou ainda, o levantamento de vestígios de comportamento, marcas de deposição ou erosão deixadas pelas atividades das pessoas no local (Bechtel, 1990; Bechtel & Zeisel, 1987; Sommer & Sommer, 1997; Zeisel, 1981). Os resultados proporcionados por essas técnicas revelam importantes pistas para a continuidade da pesquisa, identificando aspectos a serem investigados por meio de instrumentos mais estruturados, sempre que isso seja possível. Assim, o diário pessoal teria um papel análogo a essas formas de observação, porém envolvendo uma dimensão temporal geralmente mais estendida, o que leva alguns autores a considerar o diário pessoal como parte do que denominam estudos de *time budget* (Lawton, 1987; Michelson, 1987), enfatizando que “as vidas diárias das pessoas refletem não só a adequação de behavior settings específicos, mas também a agregação de atividades relevantes e

a logística de seus relacionamentos no tempo e no espaço” (Michelson, 1987, p. 217).

No conjunto de registros que o pesquisador solicita aos participantes de um estudo de diários pessoais, podem estar incluídos componentes não-verbais; por exemplo, quando se pede que desenhem aspectos relevantes – objetos, pessoas, ambientes – das experiências que fazem parte de sua vida diária. Uma variação cada vez mais empregada é fornecer uma câmera fotográfica automática às pessoas, para que recolham cenas relevantes dos ambientes estudados (e.g., Sell, 1983). Esses registros não-verbais podem, evidentemente, ser combinados com o relato verbal, dependendo das condições e objetivos da investigação, como foi o caso de nosso próprio estudo, conforme se verá mais adiante.

Em síntese, o diário pessoal oferece possibilidade de um registro da experiência vivida pelo indivíduo *enquanto* ela transcorre, sem a presença de integrantes da equipe de pesquisa, e com pouca ou nenhuma influência (indireta) dos pesquisadores. Essa técnica de coleta de dados espontaneamente gerados permite incluir repetidas apreciações sobre um mesmo tema, focalizando os vários aspectos julgados relevantes para os fins do estudo, sejam eles sobre o autor do diário, como sentimentos experimentados na situação; sobre a situação social, como interação com outras pessoas presentes; ou sobre o contexto geral da experiência vivida, como reações ao ambiente físico, tempo gasto em uma determinada atividade, deslocamentos espaciais, preferências ambientais, entre outros.

Os ambientes de nossos estudos

Em meados do século XIX, a conquista final do oeste dos EUA sinalizou o “fim da fronteira”, quando as Montanhas Rochosas haviam sido finalmente ultrapassadas e os assentamentos humanos daquela nação tinham sido levados até as praias do oceano Pacífico. Esse fato tem sido apontado por estudiosos do movimento ambientalista

como uma das principais forças motivadoras para o surgimento dos parques naturais na América do Norte em geral, áreas “protegidas” da presença do ser humano, destinadas à preservação dos bens da natureza.

No ambientalismo estadunidense do final do século XIX, já acontecia o debate entre preservacionistas e conservacionistas; de um lado, os adeptos da preservação, como John Muir e outros, defendendo a criação e manutenção de áreas naturais protegidas, de uso exclusivo para fins recreativos ou educacionais; de outro, os defensores da conservação – Gifford Pinchot, entre outros – a reivindicar o uso dos recursos naturais de modo racional e sustentável (McCormick, 1992).

Esse debate permanece atual, pois esses dois pontos de vista ainda prevalecem em alguns setores. No Brasil, por exemplo, existem, como herdeiras diretas das idéias preservacionistas, reservas ecológicas consideradas intocáveis, onde a *presença antrópica* (ou seja, “nós”) é meramente tolerada, sempre que considerada indispensável. Por outro lado, também existem reservas como a de *Mamirauá*, na Amazônia brasileira, em que co-habitam o mesmo espaço sertanejos, tribos indígenas, fauna, flora e pesquisadores, na tentativa de se buscar um modelo sustentável de conservação ambiental, não só do ponto de vista puramente ecológico, mas também social, econômico e cultural (Ayres et al., 1996).

As pesquisas psicológicas sobre a presença humana em ambientes especiais têm investigado exploradores vivendo em estações polares, tripulações de submarinos e astronautas em treino em simuladores de naves espaciais, entre outros tipos. Esses estudos incluem desde variáveis individuais, como características de personalidade, grau de motivação, desempenho cognitivo, etc., até aspectos da interação social e do intercâmbio com o ambiente físico imediato (e.g., Suedfeld, 1987).

Embora estejamos empregando o termo *ambientes especiais*, os pesquisadores da área salientam que são raras as situações realmente excepcionais, ao contrário do que a mídia, em geral, faz parecer. Com isso concorda o navegador Amyr Klink (1995), quando enfatiza

que a mídia não se interessa pelo cotidiano regular, pela vida diária; mas sim por aquilo que traz mudanças e alterações, mesmo que tais eventos ocorram muito esporadicamente, ou mesmo não venham a se repetir. Segundo Peter Suedfeld (1987), muito das informações sobre ambientes extremos e incomuns vem da literatura não científica, como relatos de viajantes oceânicos solitários, astronautas, alpinistas e outros do gênero.

Atritos, desconfortos e frustrações triviais do dia-a-dia parecem ter mais chances de provocar manifestações agressivas do que situações reais de perigo (Suedfeld, 1987). Sob circunstâncias de privações prolongadas, mas não extremas, a monotonia social, fadiga ou confinamento podem fazer com que os membros de pequenos grupos acabem por não suprimir ou disfarçar tais reações de agressividade. Quando existe um líder no grupo, pode ocorrer a canalização de tais reações para ele, mas a agressividade também pode se manifestar em grupos em que os princípios hierárquicos não estão enfatizados. “Conflitos interpessoais em grupos isolados parecem ser a regra e não a exceção” (p. 873) e, dependendo da composição da equipe, essa hostilidade intragrupo pode assumir a forma de pequenas provocações, brincadeiras “pesadas” e piadas, ao invés de agressão explícita.

Os parágrafos anteriores estão relacionados às nossas tentativas de reunir duas vertentes de estudos em uma mesma investigação, sobre a adaptação das pessoas a duas reservas ecológicas brasileiras, localizadas no oceano Atlântico. Por um lado, tanto a percepção como a utilização dessas reservas pelos visitantes estão relacionadas à discussão anterior, sobre reservas ecológicas. Por outro, esses locais apresentam características ambientais que os classificariam como ambientes especiais (ou, para sermos mais rigorosos, “semi-especiais”). Para uma psicologia ambiental interessada em identificar, analisar e promover práticas humano-ambientais ecologicamente sustentáveis, ambas perspectivas podem ser interessantes. O caráter de reserva deveria enfatizar estilos sustentáveis de conduta ecológica das pessoas que visitam aqueles locais, enquanto o fato de serem ambientes incomuns

favoreceria que o comportamento das pessoas se torne mais explícito, tanto no sentido da interação com o pequeno grupo, como em relação a aspectos do ambiente especial em questão.

A seguir, apresentamos breve descrição de alguns aspectos daqueles ambientes isolados de duas reservas ecológicas localizadas em “ilhas” oceânicas da costa brasileira próximas da linha do Equador. O atol das Rocas e o arquipélago de São Pedro e São Paulo não oferecem condições naturais para sobrevivência humana, podendo representar para o visitante, desde um ligeiro incômodo passageiro, até situações reais de risco de vida. Entre outros aspectos, não há fonte de água doce naqueles locais. A presença humana sistemática em ambos é bastante recente, e sabe-se muito pouco sobre as condições de adaptação das pessoas àqueles ambientes.

O atol das Rocas faz parte de uma “Reserva Biológica Marinha” (estabelecida pelo governo brasileiro, em 1979), o que significa restrição total à presença humana e à exploração dos recursos marinhos. Só podem visitar o local pesquisadores e fiscais autorizados pelo Ibama, órgão do Ministério do Meio Ambiente brasileiro. As viagens ao local são organizadas e patrocinadas por esse órgão, em equipes de 4 pessoas, que sempre substituem a equipe anterior, permanecendo no atol por aproximadamente 30 dias. Existe no local um abrigo (construído em 1993), em que os visitantes ficam alojados.

O arquipélago São Pedro e São Paulo (ASPSP) faz parte de uma “Área de Proteção Ambiental”, categoria bem mais amena nas restrições de uso, permitindo, por exemplo, a exploração racional de recursos pesqueiros. A Marinha do Brasil é encarregada de administrar a estação científica instalada ali e de organizar, treinar e conduzir as equipes de quatro pesquisadores que passam temporadas de 15 dias no local, desde o início do Programa Arquipélago, em 1998. Assim como no atol, cada equipe que chega, substitui a anterior, de modo que sempre há pessoas no local. No caso de São Pedro e São Paulo, o barco que leva a equipe até lá permanece nas redondezas, pois se trata de barco realizando atividade pesqueira no local, servindo de apoio para uma eventual emergência.

A estada, tanto em Rocas como no arquipélago, caracteriza-se pelo isolamento em relação ao continente e pelo confinamento a um espaço bastante reduzido, o que é mais acentuado no caso de São Pedro e São Paulo. Ali a maioria das atividades está praticamente limitada à estação construída no local, enquanto no atol das Rocas o visitante pode transitar pelos arredores do abrigo, pois há condições de se caminhar pelos arrecifes e pelas “praias” das duas “ilhas” formadas no atol: do Farol e Cemitério. Nos dois locais o visitante convive intensamente com a vida animal, seja caminhando entre pássaros, seja em contato com as ricas fauna e flora marinhas.

Enquanto Rocas oferece condições naturais comparativamente mais favoráveis à vida humana do que o arquipélago, este certamente está institucional e logisticamente mais bem servido. O arquipélago dispõe de melhor infra-estrutura de apoio, sob forma de treinamento das equipes (inexistente no caso de Rocas); embarcação presente no local durante toda a permanência da equipe (enquanto o Ibama/RN tem tido dificuldades até mesmo para o aluguel do veleiro que transporta os grupos para o atol); aparelhos de comunicação (reconhecidamente insatisfatórios no atol), dessalinizador (reivindicado pelos expedicionários também para Rocas), placas solares geradoras de energia elétrica (bem mais eficientes no arquipélago), entre outros aspectos.

Ao mesmo tempo em que apresentam algumas semelhanças nas condições determinantes da sobrevivência humana, aqueles dois locais proporcionam ao visitante realidades psicológicas bastante diversas. Por razões principalmente históricas e institucionais, os dois locais também estão associados a imagens sociais diferentes. Uma das conseqüências disso, é o diferente nível de envolvimento com a manutenção dos dois locais. No arquipélago, a Marinha está encontrando dificuldade em assegurar que os membros das equipes assumam os cuidados com a estação científica (lubrificação constante das partes metálicas, limpeza de locais de difícil acesso, etc.). No atol, apesar das dificuldades logístico-institucionais – ou, até por isso mesmo – os integrantes das equipes, talvez forçados a se identificar

com o local ou a se apropriar dele, para melhor sobreviverem – se envolvem mais com essas atividades, cumprindo mais regularmente essa tarefa.

Essas reservas ecológicas apresentam aos visitantes um *código de conduta* (imposições de objetivos institucionais específicos), que implica em comportamentos distintos daqueles vividos no cotidiano da maioria das pessoas no continente. Exigem a adaptação das pessoas ao local, sem permitir adequações ou ajustamentos no ambiente. Chamamos *adaptação* ao conjunto de mudanças nos níveis de acomodação da própria pessoa, de modo a tornar o ambiente mais suportável. *Ajustamento*, por outro lado, diz respeito às mudanças que fazemos nos ambientes para *adequá-los* às nossas necessidades (Suedfeld, 1987). No caso de Rocas e São Pedro e São Paulo, a influência humana deve ser mantida no menor nível possível, o que leva os expedicionários a recorrer a táticas adaptativas, de caráter cognitivo e/ou afetivo, muitas vezes forçando-os a concentrar-se no lado bom dos acontecimentos; dedicar-se mais à missão profissional que foram realizar; fazer piadas uns com os outros, ou sobre algum “inimigo comum” (as más condições climáticas ou de funcionamento dos equipamentos, por exemplo); ou ainda, concentrar-se na vontade de viver, ou no sentido da vida. Nessas condições alguns participantes chegam a se ocupar com especial afino de tarefas de manutenção, ou de atividades domésticas, como cozinhar ou limpar as instalações, melhorar o domínio do grupo sobre as condições ambientais do local, ou formas similares de promover a identificação e a colaboração mútuas.

Uso dos diários pessoais

Com base na experiência da primeira fase do projeto, quando havíamos apenas enviado questionários para visitantes do atol das Rocas e analisado as respostas obtidas, decidimos diversificar a maneira com que abordávamos os expedicionários da Reserva Biológica

do Atol das Rocas (AR) e da Estação Científica do Arquipélago de São Pedro e São Paulo (ASPSP). Optamos por realizar entrevistas quando do seu retorno ao continente, durante as quais aplicamos – em uns poucos casos – uma escala desenvolvida por nossa equipe para o fim específico de auto e hetero-avaliação do comportamento pró-ambiental dos membros do grupo, por meio da hierarquização (*ranking*) de seus nomes. Queríamos, além disso, ter um registro das experiências vivenciadas *enquanto* os expedicionários ainda se encontravam naqueles locais, o que levou ao emprego de diários pessoais. Fez ainda parte de nossa estratégia uma investigação paralela, que utilizou a técnica do incidente crítico (Flanagan, 1954), adaptada para a realidade de nosso projeto (Azevedo, 2002), segundo a qual o informante destaca fatos críticos ocorridos e a solução encontrada para eles. Essa variedade de técnicas de coleta de dados inspirou-se na proposição, comum nessa área de estudos, de emprego de multimétodos de investigação (Sommer & Sommer, 1997; Zeisel, 1981; ver também capítulo sobre multimétodos na presente coletânea).

Elaboramos o instrumento que denominamos “kit-diário”, que foi testado durante algum tempo, em expedições de Rocas e ASPSP e praticamente não sofreu alterações substanciais depois da fase piloto da pesquisa. O “kit diário” consiste de um caderno em espiral montado pela própria equipe da pesquisa, em formato próximo do padrão A5, com capas de papelão grosso plastificado e miolo de folhas de papel branco sem pauta. As capas são aproveitadas para apresentação do instrumento, instruções para seu preenchimento e identificação da equipe de pesquisa, protegidas que estão pela plastificação, e esse material é posteriormente reutilizado para a montagem de novos diários, com a substituição das folhas internas. Esse caderno é colocado em embalagem plástica (*ziploc*), acompanhado de um lápis grafite preto com borracha, uma caneta esferográfica azul e um estojo com 12 lápis de cor, uma vez que as instruções estimulam o viajante a utilizar o espaço tanto para escrever, como para desenhar. O texto dessas instruções dizia:

Caro participante,

O objetivo desta pesquisa é conhecer o processo de adaptação das pessoas às condições de vida neste local.

Viver em um pequeno grupo em situação de isolamento é diferente do cotidiano da maioria das pessoas. Por isso, estamos interessados em todo e qualquer fato e experiência vividos em relação a esse lugar, seja algo de caráter individual ou relativo à convivência em grupo.

Use o espaço deste caderno livremente, para desenhar ou escrever o que quiser, mesmo que não lhe pareça importante no momento.

Asseguramos que suas informações não circularão fora do âmbito da nossa equipe de pesquisa, nem mesmo para os administradores do local. Toda e qualquer divulgação dos resultados será feita com total garantia do anonimato dos informantes.

Agradecemos sua colaboração,

Equipe de Pesquisa

Os “kit-diários” eram entregues aos expedicionários quando de sua passagem por Natal, antes do embarque ou, em alguns poucos casos, enviados para o participante através de algum intermediário, sendo posteriormente recolhidos quando do retorno deles ao continente. Durante o período de coleta de dados, a rotina de retorno dos expedicionários do ASPSP ao continente foi parcialmente modificada, com alguns viajantes retornando a seus domicílios em outros estados, sem passar mais por Natal, onde nosso grupo está baseado e onde esperávamos poder fazer contato sistemático com os expedicionários em seu retorno ao continente. Isso nos obrigou a incluir no “kit-diário” um envelope auto-endereçado para nossa equipe de pesquisa e pré-postado com quantia suficiente para cobrir as despesas de remessa do material pelo correio.

Ficamos surpresos com a disponibilidade (voluntária) dos expedicionários em participar dessa modalidade de coleta de dados, tendo obtido um retorno – em termos quantitativos – bastante

satisfatório, o que faz dos diários pessoais uma excelente alternativa como técnica de coleta (remota) de informações sobre a experiência de vida dos expedicionários em Rocas e ASPSP. O sucesso (um tanto inesperado) no retorno dos “kit-diários” possivelmente esteve relacionado à proximidade/envolvimento/presença junto a eles de membros de nossa equipe, o que deve ter contribuído para dessensibilizar eventuais estereótipos profissionais. No caso da Rebio Rocas e seus expedicionários, Natal sempre foi a base de embarque, o que possibilitou nosso contato freqüente; e conhecíamos os viajantes do Programa Arquipélago devido à participação do coordenador e alguns membros de nossa equipe de pesquisa no treinamento ministrado pela Marinha aos candidatos a viajar para o arquipélago.

A Tabela 1 mostra os números finais relativos aos diários que fizeram parte do material analisado por nossa equipe. Pode se observar que, tanto para o caso do atol das Rocas (Rocas), como do arquipélago de São Pedro e São Paulo (ASPS), o número de viagens é inferior ao número de viajantes, pois são quatro os integrantes regulares de cada expedição, que podem repetir a experiência ao longo de um período de várias semanas, ou meses. Além disso, há diferença entre os dois locais quanto ao número de viagens (e viajantes), pois Rocas apresenta maior duração das viagens (aproximadamente 30 dias) do que o arquipélago (em torno de 15 dias).

Tabela 1
Situação final de diários utilizados

Locais	Número de		Diários			
	Viagens	Viajantes	Entregues	Devolvidos	Preenchidos	Analisados
Rocas	16	50	58	54	47	44
ASPS	23	77	87	64	55	54
Total	39	127	145	118	102	98

Foi entregue uma média de 3,6 diários por viagem, no caso de Rocas (58/16), e de 3,8 no caso de ASPSP (87/23); sendo o número de diários entregues maior do que o de viajantes devido ao fato de

alguns expedicionários terem ido mais de uma vez àqueles locais. O aproveitamento efetivo dos diários, correspondente à coluna “analisados” (total de 98), foi ligeiramente maior para Rocas (76%), do que para ASPSP (62%). Nem todos os diários devolvidos estavam preenchidos e, dentre estes, nem todos eram aproveitáveis para os propósitos do estudo (apenas rabiscados, por exemplo).

Alguns resultados obtidos

Como o objetivo desta apresentação é discutir o diário pessoal como técnica de coleta de dados aplicada à área de estudos das relações pessoa-ambiente, os dados apresentados nesta seção não têm a intenção de expressar uma análise dos fenômenos investigados em nosso projeto de pesquisa, sendo utilizados aqui apenas para ilustrar nossa exposição relacionada ao poder informacional dos diários; por isso não estão indicados os códigos referentes às análises realizadas de seu conteúdo, ou as categorias associadas. Os extratos e considerações apresentados a seguir constituem casos interessantes de informações obtidas sem que esperássemos, agrupamentos temáticos oriundos do próprio material e/ou contribuições únicas, somente possíveis de obter por meio de uma técnica tão versátil e flexível.

É importante também mencionar que recebemos muitas ilustrações sobre a vida naqueles locais, além de poesias e letras de músicas. Os homens e mulheres que participam das viagens àqueles locais são, em geral, estudantes de graduação ou pós-graduação em universidades brasileiras, das áreas de biologia marinha, engenharia de pesca, oceanografia e similares. Os desenhos reproduziam as espécies animais encontradas, aspectos da viagem até o local, cenas daquelas paisagens, integrantes da equipe executando determinadas atividades ou até mesmo desenhos abstratos descontextualizados, muitas vezes misturados ao texto.

Comportamento sócio-espacial humano

A familiaridade entre os membros do grupo, o gênero, a idade e a personalidade são aspectos consideráveis no uso que cada um faz do espaço pessoal. No diário SP22, uma mulher com mais idade do que os outros membros da expedição, “investiga” a necessidade de cuidar dos demais tentando funcionar como, usando suas próprias palavras, “a argamassa entre os tijolinhos”. Apesar de ela concluir que não havia lugar para isso, uma vez que todos estavam “bem entrosados”, vemos aí uma tentativa (cuidadosa) de aproximação dos seus companheiros.

“Foi muito bom retornar à ilha, mesmo na primeira vez foi bem aconchegante, talvez porque nós temos noção de que a casa não pertence a ninguém e é de todos” (diário SP60). Tal comentário nos remete ao que consideramos exprimir a sensação de muitos viajantes, ou seja, à territorialidade transitória estabelecida em um ambiente que é e não é o seu lar. Isso também está evidenciado no diário SP22: “após praticamente dois dias aqui já nos sentimos em casa e só dá para perceber que a casa não é nossa devido às bicadas dos donos das pedras (os atobás)... à noitinha forma-se um corredor polonês de atobás. Faz a gente pensar duas vezes antes de se arriscar.” Esse território dos animais também está presente em outros diários: “O outro lugar que eu gosto é o farol... Só evito de ir muito lá por causa das viuvinhas que ficam muito nervosas. Eu não gosto quando dizem que elas (as viuvinhas) e os atobás são agressivos, eles só estão defendendo o espaço deles. Eu também não gosto quando os pescadores e até mesmo os pesquisadores saem empurrando-os. Afinal, eles estavam aqui primeiro, esta ilha é deles. Nós só estamos ‘de visita’” (diário SP60).

A invasão de privacidade pode ocorrer fisicamente, através do contato entre indivíduos, e também por meios invisíveis, como sons, odores ou olhar: “Dormi na varanda para poder acordar cedo. A noite não foi tranquila, o mar estava batendo forte e eu sempre acordava com o barulho das aves voando, devido à água. Atrás da casa é onde

o sol se põe, eu ia muito lá à tarde para pegar isca (cangulo preto) para o covo e também para apreciar o pôr-do-sol, mas além das ondas que estão batendo, o cano do esgoto quebrou, tentamos dar um jeito, os meninos tentaram remendar mas continua um mau cheiro muito grande.” (diário SP60).

Mas como não só de espaço vive o homem, convém observar também a perda de noção de tempo, bastante citada nos diários: “O que eu acho bom aqui é que não tem preocupação com o tempo, nem sei que dia da semana e do mês é hoje, o nosso tempo aqui é maré cheia e maré baixa.” (diário SP45), uma explicitação do homem mais natural, pautado pelo tempo biológico, e não tanto pelo tempo ditado pelo relógio.

Os “safos”

Vários relatos mencionavam o safo, que é o expedicionário que tem conhecimentos/habilidades e iniciativa para atuar, seja em atividades de pesquisa, manutenção das instalações ou na solução de problemas surgidos; ninguém precisa pedir ou mandar, “o safo vai e faz enquanto os outros ainda estão pensando...”. Os safos “cumprem regras e acordos, são bons cozinheiros, são rápidos na hora de fazer seja lá o que for”. Os safos percebem bem como se comporta cada um, as qualidades e os defeitos, qual a dinâmica do grupo e com o que deve se preocupar, seja em função das características do lugar e da situação em que se encontram ou do grupo, e por isso são tão eficientes e “desenrolados”.

São, em sua maioria, veteranos, conhecem pessoas de outras equipes, algumas já há anos, demonstram muito incômodo com o descuido com o local, relatam que se sentem bem ali, ou até melhor do que em casa; cuidam como casa, se preocupando com quem vem depois (arrumam a casa, deixam a caixa d’água cheia, preparam almoço, orientam os novos que chegam), sentem-se invadidos quando recebem visitas que se demoram muito (por exemplo, equipes

de reportagem), sofrem ao partir e com a incerteza de voltar, desejam muito voltar, acham pouco o tempo de permanência, gostam da rotina e se adaptam facilmente, integrando-se rapidamente ao ambiente. Estranham a volta ao continente, conhecem ou gostariam de conhecer outros lugares semelhantes (Fernando de Noronha, ilha de Trindade), sendo que para alguns estar lá é a concretização de um sonho ou parte da realização de um projeto de vida.

Dinâmica grupal e ambientes isolados

O viajante R47 comenta que “enfim, cada temporada tem sua identidade”. Ele pontua isso delineado por seu contexto, porém essa frase pode ser ampliada para a dinâmica grupal como um todo, pois essa identidade diz muito de cada expedição ou grupo, em função das relações entre safos e não-safos, líder(es) e liderado(s), maior ou menor integração, cooperar ou não, entre outros aspectos.

Observamos que os expedicionários “cobram” dos colegas determinadas posturas condizentes com suas expectativas quando vemos comentários como “ainda bem que ela (se referindo a R50) falou com os meninos, era ela mesmo que tinha que falar, porque tem mais experiência e as pessoas respeitam isso” (diário R48).

Em alguns casos, fica patente o desconforto causado pelos elementos que acabam por impedir a realização de atividades grupais. A expedicionária R10 reclama da equipe e diz que esperava um esforço maior das pessoas e o viajante R11 se queixa de que na viagem fez poucos mergulhos porque as pessoas da equipe eram inexperientes e/ou receosas, sendo esses fatores de grande relevância na dinâmica grupal, pois interferem no atendimento de expectativas individuais e, conseqüentemente, na interação indivíduo-grupo.

A viajante R10 comenta: “os problemas não têm como te alcançar, ficam para trás”, enquanto outra viajante escreve: “É... cá estou rodeada de água por todos os lados e com toda uma vida à minha espera no continente...” (diário SP1), o que ilustra o freqüente

contraponto com aspectos da vida no continente. No diário R46, o expedicionário faz um desenho de um rapaz (ele) com o controle remoto em frente à televisão, e escreve ao lado: “Domingo, dia de ficar em casa, almoçar com a família e passar a tarde zappeando na TV”. É comum o registro de sentimentos ambíguos, de divisão entre a vontade de passar mais tempo naqueles locais e, ao mesmo tempo, vontade de voltar para o continente: “Os dias continuam bem agradáveis, mas apesar do clima alto-astral, tô sentindo uma necessidade enorme de voltar para casa. Contudo sei que vou sentir falta do pessoal e da nossa vida alternativa”.

Alguns relatos causam a impressão de que a vida naqueles ambientes é mais “sentida/apropriada” do que no continente. Como nos diz SP8: “...me sentia mais integrada ao mundo do que em terra...”. Ou o diário SP45: “A ilha é muito legal, me sinto mais à vontade nesses lugares afastados do que na minha casa...”.

Outros temas

No diário SP1 observamos menção a questões de gênero: “...tentamos estipular tarefas a serem cumpridas diariamente por cada um dos ‘pesquisadores’, mas não funcionou porque estamos tendo muitos problemas onde a força masculina impera e, infelizmente, temos que compensá-los... na cozinha...”

Os relatos permitem perceber também que existe um apego ao lugar nos viajantes de Rocas, que não se percebe acontecendo na mesma intensidade no ASPSP. Tal afirmativa se baseia no fato de haver menos relatos de reclamações sobre o descaso de equipes no cuidado com o abrigo no atol, havendo diários nos quais o participante expõe que ali se sente tão bem ou mesmo melhor do que em casa no continente. O participante do diário R47 chama o abrigo de “lar”, o do diário R08 relata sentir um “vazio pela partida” e no diário R07 a viajante afirma “estar em casa” no atol. No arquipélago esse tipo de relato ocorre menos, ao passo que são mais frequentes as

reclamações sobre o descompromisso com a divisão de tarefas e o descuido com a estação científica, principalmente quanto aos equipamentos como o dessalinizador e os refrigeradores. No diário SP52, a viajante reclama explicitamente da equipe anterior, que deixou a estação com diversos problemas, enquanto que no diário SP30 a participante demonstra indignação em relação ao desleixo da Marinha com o lugar, pois encontrou a estação em péssimas condições, com problemas com água, conservação da comida e comunicação, fato que atrapalhou bastante a realização dos trabalhos.

Quanto a comportamento ou atitude pró-ambiental, encontramos referências pontuais a comportamentos inadequados, do tipo jogar fósforos e “piúbas” (pontas de cigarro) no chão (SP39), deixar luzes acesas (SP06) e desperdícios de diversos tipos, assim como a grande produção de lixo (SP64) para poucas pessoas em tão pouco tempo. No entanto, há muitas ocorrências de “discursos ambientais”, que seriam as muitas referências à beleza natural do lugar (o pôr do sol, os golfinhos, etc.) e ao respeito que ele impõe (principalmente pelo poder do mar), mas sem menção sobre cuidado ou conservação num sentido mais propriamente pró-ambiental, e geralmente numa relação distante e cisada; o ambiente dissociado do indivíduo, para ser visto e admirado.

Evidentemente, há muitos outros temas focalizados nos diários dos expedicionários de Rocas e do ASPSP. Apresentamos aqui apenas exemplos isolados como ilustração do tipo de informação que se pode obter em um projeto de pesquisa que se utilize desse recurso de coleta de dados.

Diários pessoais e as relações pessoa-ambiente — considerações finais

Passando em revista os ganhos de conhecimento que nossa equipe adquiriu a partir dos diários pessoais sobre a vida dos expedicionários em Rocas e no arquipélago, fica evidente a grande contribuição

específica dessa técnica de coleta de dados. Dificilmente por outros meios teríamos conhecido os detalhes da indignação de uma integrante em relação aos demais membros da equipe por ter precisado tomar sozinha as providências para a coleta de água doce num dia de chuva no arquipélago, pois seus companheiros de viagem trabalhavam embarcados. Ou não teríamos tido acesso ao inspirado poema “O vilão” que, em uma de suas quatro estrofes, diz:

Na vida que eu sempre quis
Curtindo a Estação de fato
Depois de um dia feliz
Tem sempre um assunto chato
Antes de ir para a cama
Assistir ao velho programa
Da caçada ao carrapato
(ASPSP, página 11 de 17, data omitida para evitar identificação, 22:45
– acompanha desenho do animal e texto adicional)

Cabe mencionar que nossa equipe tinha muito mais facilidade em lidar com as informações dos diários quando conseguimos obter diários de vários (ou de todos os) membros da equipe de viagem, o que oportunizava o cruzamento das informações, definindo melhor os fatos relatados e as características pessoais dos envolvidos. Infelizmente, e na contra-mão do que tínhamos planejado, foram raros os casos em que obtivemos diários preenchidos pelo grupo completo.

Como mencionado antes, ilustrações produzidas nos diários também informaram detalhes importantes sobre a experiência de viver naqueles locais. Um dos expedicionários, resolveu acrescentar um desenho em que mostra “o baile da fêmea do 150, junto à piscina das tartarugas” (ver Figura 1), referindo-se à dificuldade encontrada para retirar do local a fêmea de atobá, para que pudessem ter acesso aos ovos de tartaruga marinha que haviam sido depositados ali embaixo, no ninho identificado pelo número “150”.



Figura 1. Desenho feito em diário, para ilustrar a dificuldade encontrada para retirar a fêmea de atobá do local do ninho de tartaruga marinha.

Outro exemplo é o desenho que mostra a silhueta das duas ilhas existentes no atol das Rocas, vistas do veleiro que está próximo de concluir a viagem de ida (ver Figura 2). Evidentemente, há imagens fotográficas muito melhores da mesma cena, se quisermos maior “fidedignidade”. No entanto, estávamos interessados muito mais na percepção ambiental daquele viajante, nos elementos que ficaram retidos em sua memória e foram depois transpostos para o papel. A propósito, convém lembrar aqui as palavras com que Mocellin e Suedfeld (1991) concluem seu artigo: “uma lista objetiva de aspectos do ambiente não é suficiente para compreender **a pessoa no ambiente**” (p. 719, grifo nosso).

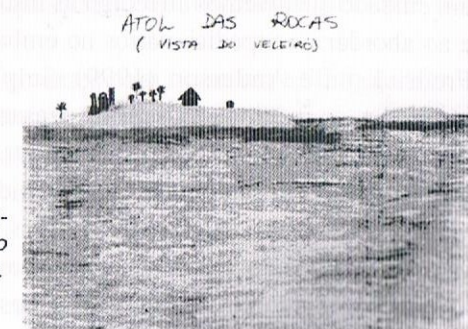


Figura 2. Desenho em diário, mostrando as duas ilhas existentes no Atol das Rocas, vistas do oceano.

Nossa equipe iniciou o emprego de diários pessoais na pesquisa quando já havia amadurecido em relação ao tema, graças aos esforços realizados na primeira fase do projeto. Tal circunstância, associada a uma maior intimidade com os locais estudados (incluindo visita de membros de nosso grupo a cada um deles), e maior aproximação nossa de expedicionários e instituições envolvidas (e deles conosco também, o que é muito importante), certamente influenciou na boa receptividade dos respondentes. Sendo uma técnica de coleta de dados tão “frouxa”, o diário pessoal fica muito mais à mercê de um “atmosfera” favorável do que técnicas mais estruturadas de coleta de dados. Alguns relatos chegaram até a utilizar a segunda pessoa, dirigindo-se à equipe de pesquisa, como se estivessem em uma conversa com um de nós, e usando expressões como: “você, da psicologia, vão gostar de saber que ...”, uma evidente demonstração de que essa pessoa não estava agindo (não mais?) influenciada pelo tradicional estereótipo do psicólogo, como alguém que só trata de “loucos”, ou que “lê a mente” das pessoas, ou imagens sociais similares. Ao mesmo tempo, mostra uma postura cooperativa entre pesquisadores, pela atenção dispensada em preencher os diários com o intuito de colaborar, mesmo quando a prática da escrita não é comum ao respondente (ou de seu agrado).

Além de um “clima” favorável, as características da técnica também pedem que as instruções sejam gerais, para que haja “espaço” para a expressão pessoal dos respondentes – não só quanto à forma do relato, mas também quanto à seleção do que incluir nele –, um cuidado que tivemos ao redigir as instruções constantes do caderno e ao abordar os expedicionários no embarque. De modo semelhante, Fredrickson e Anderson (1999) simplesmente pediram às suas respondentes que registrassem os pensamentos e sentimentos ocorridos em resposta aos vários ambientes e interações sociais experienciados na excursão. Essas autoras tiveram o cuidado adicional de, ao final da visita aos ambientes naturais dos parques, providenciar cópias dos diários para uso da equipe de pesquisa, devolvendo todos os originais às participantes. No caso de nossa pesquisa, produzíamos cópias

apenas em resposta a solicitação dos expedicionários, possibilidade que lhes era informada quando de sua partida e que evidentemente constitui um elemento adicional tanto de motivação para o engajamento dos respondentes na tarefa, como da riqueza e valor pessoal da informação gerada.

Alguns temas apareceram muito raramente nos diários, como no caso de atritos e conflitos interpessoais na equipe da viagem, talvez por se referirem a conteúdos social e/ou institucionalmente censuráveis que seriam perenizados em forma escrita. Ressalte-se que *ausência de informação* pode ser tão importante quanto sua presença, especialmente quando se tem acesso a outros registros da mesma situação, como no emprego de estratégias multimétodos (Sommer & Sommer, 1997; Zeisel, 1981). Steel e Suedfeld (1991) mencionam a preocupação que um médico de uma equipe de exploração do Ártico teve com a saúde dos participantes durante um *blackout* de rádio que durou vários dias, impossibilitando qualquer forma de socorro ou assistência em caso de emergência; o relato dos demais participantes não teve um só registro desse tipo de preocupação durante o mesmo período. Divergências como essa podem ser muito importantes quando se está interessado na avaliação de riscos potenciais presentes na situação e se pretende diferenciar, por exemplo, entre um “risco real” e a inflação social desse risco. O planejamento de investigações com diários pessoais pode (e deve) ser feito de modo a antecipar a ocorrência dessas disparidades. Foi por isso que, como já mencionado aqui, Fredrickson e Anderson (1999) combinaram o uso do diário de campo (anotações pelo pesquisador) com os diários pessoais das participantes do estudo.

Pela experiência que tivemos com o uso específico da técnica de diário pessoal, concordamos com Sellitz e colaboradores (1965) quando dizem que tira-se melhor proveito da “natureza peculiar dos dados contidos em documentos pessoais quando são empregados para exploração e descrição”, ou quando esses mesmos dados são empregados para “compreensão e exemplo, e não para verificação ou refutação de hipóteses; para emprego com outros métodos, e

não isoladamente” (p. 372). Os dados que obtivemos dos diários pessoais certamente inspiraram e deram forma a outras técnicas que empregamos, além de contribuir para nossa participação no treinamento das equipes do Programa Arquipélago, como era esperado. As entrevistas realizadas – ainda que não da maneira e na extensão originalmente idealizadas – ganharam em qualidade com as informações provenientes dos diários, como também aconteceu com o questionário de incidentes críticos (Azevedo, 2002) e com o questionário de auto e hetero-avaliação do comportamento pró-ambiental das equipes.

Antes de encerrar, e deixando em segundo plano a experiência particular de nossa pesquisa, convém retormarmos algumas considerações mais gerais sobre os diários, a começar pelo status dessa técnica de coleta de dados. Segundo Wheeler e Reis (1991), o auto-registro de pequenos eventos da vida cotidiana é prática um tanto estranha à ciência psicológica, principalmente porque requer uma aceitação da realidade tal como definida pelos respondentes. Considerando a prevalência histórica de paradigmas em psicologia que não endossariam tal condição, é fácil entender a ausência da expressão “diário” (*diary, personal journal, time budget*) no *Thesaurus* do *PsycINFO* (banco de referências bibliográficas da Associação de Psicologia dos EUA), entre os descritores principais (*major descriptors*), embora contemple *questionário, entrevista e experimento*, entre outras técnicas de obtenção de dados. Tomando o artigo de revisão de Bolger et al. (2003) como referência, veremos que os descritores aplicados a esse trabalho pelo *PsycINFO* são: coleta de dados, métodos experimentais e comunicação escrita; apenas entre os conceitos-chave (*key concepts*) aparece *diary reports*, expressão não cadastrada no *Thesaurus*. O mesmo artigo no banco de dados multidisciplinar *Web-of-Science* recebe *keywords plus* tais como: *ecological momentary assessment, retrospective recall* e *daily experiences*, e não inclui expressão que se assemelhe a *diary methods* empregada pelos autores no título de sua revisão, evidenciado que o reduzido status dos diários como técnica de investigação científica ultrapassa os limites da psicologia.

Entre as razões para o pouco destaque dos diários na literatura metodológica certamente está o conjunto de limitações associadas ao seu uso. Apesar das vantagens e contribuições exclusivas – algumas já evidenciadas nas linhas acima –, os autores que se dedicaram a uma análise mais cuidadosa desse recurso não deixam de apontar deficiências, que precisam ser consideradas pelo pesquisador ao planejar sua investigação. Listamos, a seguir, algumas das mais importantes.

Diário pessoal depende diretamente da motivação e competência do participante para o tipo de tarefa solicitada; escrever sobre algo geralmente implica a existência de uma posição – favorável ou contrária – bem definida a respeito.

Dependendo das circunstâncias em que o estudo é realizado, estereótipos e expectativas sociais podem exercer influência decisiva; talvez um alto nível de concordância em um grupo de relatos, por exemplo, não expresse outra coisa senão que os discordantes não puderam ou quiseram fazer tal registro.

Eventuais generalizações – quando permitidas pelos próprios dados – podem ser feitas apenas para os autores dos documentos e/ou para as situações nas quais se utilizou o diário pessoal, exigindo cuidados especiais na fase de interpretação dos dados obtidos.

Embora a dimensão temporal seja particularmente contemplada nessa técnica de coleta de dados, é difícil lidar com a passagem de tempo pois, ou não há controle sobre medidas ou períodos de tempo, ou se tenta fazê-lo, comprometendo a espontaneidade do relato e/ou a cooperação dos respondentes.

Diários pessoais não estão isentos do “viés” da reconstrução mental da experiência pois, mesmo que geralmente estejam mais próximos do fato vivenciado no sentido temporal, dependem em algum grau dos recursos introspectivos da pessoa em questão.

Como no caso de técnicas similares (autobiografia, história de vida, etc.), a análise de conteúdo dos registros em diários pessoais é bastante influenciada pelo contexto em que a informação foi veiculada.

Listar limitações dessa técnica não implica dizer que os diários sejam inúteis ou fontes inválidas de informação, mas sim relatos subjetivos em vez de registros objetivos do que ocorreu. Como no exemplo do desenho citado acima, os diários constituem reconstruções de eventos, e não transcrições fidedignas dos fatos, cabendo ao pesquisador contextualizar essa ferramenta no conjunto de alternativas complementares de um mesmo projeto de pesquisa científica. Esse cruzamento ou complementação de técnicas de pesquisa será tão mais bem sucedido quanto mais variedade houver na natureza delas, como esperamos ter deixado claro nos exemplos próprios e da literatura mencionados acima.

Uma das técnicas mais empregadas no estudo das relações pessoa-ambiente é o mapeamento comportamental, razoavelmente documentado em manuais de técnicas de investigação da área (e.g., Bechtel & Zeisel, 1987; Sommer & Sommer, 1997; Zeisel, 1981). Sommer e Sommer sugerem que ela seja diferenciada em duas vertentes: mapeamento comportamental centrado no lugar e centrado na pessoa. No primeiro caso, o espaço em estudo é tomado como referência e registra-se o que os usuários fazem nele; no segundo, acompanha-se a pessoa (ou pessoas) de interesse, enquanto ela percorre e se utiliza do ambiente em estudo. A primeira forma é, sem sombra de dúvida, muito mais presente na literatura do que a segunda, talvez pela maior facilidade de sua utilização, e/ou por viés do interesse teórico-profissional dos autores. Para uma maior utilização da segunda alternativa estão disponíveis: a câmera fotográfica nas mãos do participante, entrevistas, relatos retrospectivos em forma verbal ou gráfica e, é claro, os diários pessoais.

Agradecimentos

Este trabalho contou com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

Referências

- Ayres, J. M., Lima-Ayres, D. de M., Albernaz, A. L., Alves, A. R., Moura, E., Queiroz, H. L., Santos, P., Barthem, R. B., & Silveira, R. da. (1996, Marco). Mamirauá, um novo modelo de estação ecológica. *Ciência Hoje*, 20(118), 24-33.
- Azevedo, A. V. M. (2002). *Interação de pequenos grupos em situação de isolamento: uma aplicação da técnica do incidente crítico em áreas naturais protegidas*. Dissertação de mestrado não-publicada, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.
- Bechtel, R. B. (1990). *Avaliação pós-ocupação* (J. Q. Pinheiro, Trad.). Manuscrito não-publicado, The University of Arizona, Tucson.
- Bechtel, R. B., & Zeisel, J. (1987). Observation: the world under a glass. In R. B. Bechtel, R. W. Marans, & W. Michelson (Orgs.), *Methods in environmental and behavioral research* (pp. 11-40). Nova York: van Nostrand Reinhold.
- Bolger, N., Davis, A., & Rafaeli, E. (2003). Diary methods: capturing life as it is lived. *Annual Review of Psychology*, 54, 579-616.
- Diegues, A. C. (1996). O mito do paraíso desabitado: as áreas naturais protegidas. In L. da C. Ferreira & E. Viola (Orgs.), *Incertezas de sustentabilidade na globalização* (pp. 279-318). Campinas, SP: Editora da UNICAMP.
- Flanagan, J. C. (1954). The critical incident technique. *Psychological Bulletin*, 51, 327-358.
- Fredrickson, L. M., & Anderson, D. H. (1999). A qualitative exploration of the wilderness experience as a source of spiritual inspiration. *Journal of Environmental Psychology*, 19, 21-39.
- Jovchelovitch, S., & Bauer, M. W. (2002). Entrevista narrativa. In M. W. Bauer & G. Gaskell (Orgs.), *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som* (pp. 90-113). Petrópolis: Vozes.
- Klink, A. (1995). Entrevista ao programa Gente de Expressão. Rede Bandeirantes de Televisão, em 11 de novembro de 1995.

- Lawton, M. P. (1987). Methods in environmental research with older people. In R. B. Bechtel, R. W. Marans, & W. Michelson (Orgs.), *Methods in environmental and behavioral research* (pp. 337-360). Nova York: Van Nostrand Reinhold.
- McCormick, J. (1992). *Rumo ao paraíso, a história do movimento ambientalista*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.
- Michelson, W. (1987). Measuring macroenvironment and behavior, the time budget and time geography. In R. B. Bechtel, R. W. Marans, & W. Michelson (Orgs.), *Methods in environmental and behavioral research* (pp. 216-243). Nova York, Van Nostrand Reinhold.
- Mocellin, J. S. P., & Suedfeld, P. (1991). Voices from the ice: diaries of polar explorers. *Environment & Behavior*, 23, 704-722.
- Pinheiro, J. Q. (2001). *Ambientes especiales y las relaciones persona-ambiente: reservas ecológicas, sustentabilidad y conducta pró-ambiental*. Conferência proferida no XXVIII Congresso Interamericano de Psicologia. Santiago, Chile, de 29/julho a 03/agosto.
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. (1998). *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Sell, J. L. (1983). *Territoriality and children's experience of the neighborhood*. Tese de doutorado não-publicada, The University of Arizona, Tucson.
- Selltiz, C., Jahoda, M., Deutsch, M., & Cook, S. W. (1965). *Métodos de pesquisa nas relações sociais* (2ª ed., D. M. Leite, Trad.). São Paulo: Herder/EDUSP.
- Sommer, B., & Sommer, R. (1997). *A practical guide to behavioral research, tools and techniques* (4ª ed.). Nova York: Oxford University Press.
- Steel, G. D., & Suedfeld, P. (1991). Temporal patterns of affect in an isolated group. *Environment & Behavior*, 23, 749-765.
- Stone, A. A., Shiffman, S., Schwartz, J. E., Broderick, J. E., & Hufford, M. R. (2003). Patient compliance with paper and electronic diaries. *Controlled Clinical Trials*, 24, 182-199.

- Suedfeld, P. (1987). Extreme and unusual environments. In D. Stokols & I. Altman (Orgs.), *Handbook of environmental psychology* (Vol. 1, pp. 863-887). Nova York: Wiley.
- Wagner, A., Arlaque, P. C., Falcke, D., Hartmann, F. V., Ribeiro, L. S., Arteche, A. X., Silva, C. B., Meza, E. B. D., & Oliveira, H. B. (1998). A coleta de dados: reflexões sobre o diário de campo. *Psico*, 29, 155-164.
- Wheeler, L., & Reis, H. T. (1991). Self-recording of everyday life events: origins, types, and uses. *Journal of Personality*, 59, 339-354.
- Zeisel, J. (1981). *Inquiry by design: tools for environment-behavior research*. Monterey, California, Brooks/Cole.